
VOZES QUE SE ENCONTRAM: O CUIDADO COMO PRÁTICA NUM GRUPO DE JOVENS MULHERES

Laura Cristina de Toledo Quadros¹
Deborah da Silva de Souza²
Rebeca Rodrigues do Nascimento Hernandes³
Camila Ouriques Rangel da Silva⁴
Darckyane da Silva Alencar⁵

Resumo

O presente artigo tem como proposição dialogar com algumas ideias de Carol Gilligan, acerca de uma voz diferente, para pensarmos numa atuação no campo de pesquisa em psicologia que considere a ótica das mulheres acerca de si e do mundo. Para isso, partimos de uma pesquisa em curso intitulada “Versões do Sofrimento Psíquico Construídas por Jovens na Contemporaneidade: Articulações entre a Teoria Ator-Rede e a Clínica Gestáltica”, na qual acompanhamos 35 jovens mulheres e constatamos a presença do cuidado nas relações estabelecidas no grupo, bem como o reconhecimento do cuidado como prática e como ética. Seguindo as pistas oferecidas por Carol Gilligan e Annemarie Mol, enfatizamos essa prática do cuidado nas experiências e relatos explanados no texto que constituem vozes que clamam, que se encontram e se multiplicam, promovendo a possibilidade apontada pela própria Gilligan, quando ela nos mostra a importância de ampliar vozes na construção do conhecimento. A partir dessa ampliação,

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde atua ministrando disciplinas na graduação em Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (PPGPS). E-mail: lauractq@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3546-4935>

² Doutoranda em Psicologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ Nota 10). E-mail: deborah_de_souza@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1215-0167>

³ Mestranda em Psicologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rebecarnascimento@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0737-688X>

⁴ Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: mila.rangel2110@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8790-0463>

⁵ Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: darckyannealencar@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7985-4994>

consideramos a importância de não compreendermos o sofrimento das mulheres exclusivamente pela ótica do adoecimento.

Palavras Chave: Mulheres. Cuidado. Voz Diferente. Abordagem Gestáltica.

VOICES THAT MEET: CARE AS PRACTICE IN A GROUP OF YOUNG WOMEN

Abstract

The purpose of this article is to discuss some of Carol Gilligan's ideas about a different voice, in order to think about an action in the field of psychology research that considers women's view of themselves and the world. To this end, we started from an ongoing research project entitled "Versions of Psychic Suffering Constructed by Young People in Contemporary Society: Articulations between Actor-Network Theory and Gestalt Clinic", in which we followed 35 young women and found the presence of caring in the relationships established in the group, as well as the recognition of caring as a practice and as ethics. Following the clues offered by Carol Gilligan and Annemarie Mol, we emphasize this practice of caring in the experiences and accounts explained in the text, which constitute voices that cry out, meet and multiply, promoting the possibility pointed out by Gilligan herself when she shows us the importance of amplifying voices in the construction of knowledge. From this amplification we consider the importance of not understanding the suffering of women exclusively from the perspective of illness.

Keywords: Women. Care. Different Voice. Gestalt Approach.

Qual é a maior lição que a mulher pode aprender? Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma; foi o mundo que a convenceu que ela não tinha.

(Rupi Kaur)

Murmúrios

Esse trecho poético com o qual abrimos nossa escrita aponta para um sentimento de desqualificação muito comum às mulheres. Na psicologia, inclusive, muito da produção conceitual acerca do feminino funda-se na ideia da falta, da inveja do pênis, do complexo de castração, noções oriundas da psicanálise freudiana⁶ que nos falam de uma incompletude, não raro compreendida e vivida como insuficiência. Os ecos dessa herança atravessaram o século XXI e ainda reverberam entre jovens mulheres, muitas nascidas já nesse novo milênio, mas padecendo de antigas dores.

O artigo em questão desdobra-se de uma pesquisa “Versões do Sofrimento Psíquico Construídas por Jovens na Contemporaneidade: Articulações entre a Teoria Ator-Rede e a Clínica Gestáltica”⁷ na qual atuamos com jovens mulheres que reconhecem em si algumas vivências de sofrimento. O manejo clínico por nós utilizado é a Gestalt-terapia, abordagem de base fenomenológico-existencial, dialógica, que compreende a pessoa a partir de uma perspectiva integrada onde corpo, mente e ambiente estão relacionados sem que um sobreponha-se ao outro (PERLS, 1981). Seguiremos ainda a proposta metodológica da Teoria Ator-Rede (TAR)⁸, que aponta que estamos envolvidos num mundo de objetos híbridos, humanos e não humanos, e nos convida a seguir os atores a partir das narrativas que emergem do e no encontro, reconhecendo os agenciamentos e arranjos possíveis, sem dicotomias. Ao elegermos as jovens mulheres como campo

⁶ Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista criador da Psicanálise.

⁷ Número do parecer de aprovação no Comitê de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: 3.043.444 / CAAE: 97548618.5.0000.5282.

⁸ TAR – Teoria Ator-Rede - nos referimos aos autores Bruno Latour, John Law, Vinciane Despret, Annemarie Mol e Isabelle Stengers que destacam a importância de acompanhar e descrever as práticas no fluxo dos acontecimentos.

de investigação, partimos de uma experiência de atuação no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (SPA-UERJ), onde testemunhamos o crescimento exponencial pela busca de acompanhamento psicoterápico, principalmente, por jovens mulheres entre 18 e 30 anos.

Cientes dessa realidade local, nos interessamos pelas singularidades dessas buscas, afastamo-nos de uma perspectiva generalizante, e aproximamo-nos do acolhimento à multiplicidade e diferenciações. Ampliar essa noção nos parece pertinente uma vez que não só nos leva a romper com uma perspectiva naturalizada e normativa, como também nos permite construir uma noção situada, marcada, local (HARAWAY, 1995; 2016), própria de um tempo, um espaço, de uma forma transitória e que nos fala dessa experiência presentificada. Portanto, nos apoiamos na proposição de seguir o fluxo das pessoas envolvidas neste processo - no caso, as jovens - proposta por Bruno Latour (2012), e na força das narrativas que sustentam um fazer ativo e encarnado, com suas peculiaridades, mazelas e também potências, visando contribuir para pensarmos modos de atuação que favoreçam as condições de bem viver dessa jovem na contemporaneidade.

Consideramos que, com as crescentes manifestações de sofrimento vinda da juventude, em especial de mulheres, o estudo traz como peculiaridade interagir diretamente com aquelas que o expressam. Sabemos que esse é um fenômeno multifatorial e não foi nosso foco nos determos à busca de suas causas; de outra forma, buscamos desdobrá-lo para criar possibilidades de acolhimento, prevenção e reconfiguração da dor, construindo espaços para novos modos de subjetivação que considere as saídas criativas como forma de enfrentar e resistir à adversidade.

Ressalta-se, ainda, que não pretendemos, de forma alguma, propor novas classificações diagnósticas que sirvam de alternativa ou contraponham-se às tradicionais. Não é objetivo imediato dessa pesquisa, discutir nomenclaturas, embora atravessemos esse delicado território. Ao nos sustentarmos no conceito de versão (DESPRET, 2004) na articulação da abordagem gestáltica - que é uma abordagem integradora - com a Teoria Ator-Rede (TAR), partiremos da premissa de que há outros modos de articulação do conhecimento e, ao escutarmos nosso campo de pesquisa, permitiremos a emergência de conceituações simétricas, menos hierárquicas que se constituam na prática do vivido e experimentado por esses atores. Despret (2004) destaca que a ideia de visão fecha o fenômeno, aponta-nos um ponto de vista, enquanto a ideia de versão nos traz uma das muitas possibilidades expressivas de uma experiência. É essa perspectiva apontada pela noção de versão que nos interessa.

Sáimos, portanto, de uma noção estática de conceituações para uma possibilidade mais dinâmica que nos permita investigar o fenômeno em sua forma viva e ativa, trazendo-o para um campo reflexivo aberto, processual. É nessa interseção que nosso trabalho encontra as ideias de Carol Gilligan, acerca de uma voz diferente, para pensarmos numa intervenção que considere a ótica das mulheres acerca de si e do mundo. Gilligan, em seu clássico texto, publicado em 1982, nos alerta:

Somente quando os teóricos da vida dividirem sua atenção e começarem a viver com mulheres do modo como têm elas vivido com homens, sua visão abrangerá a experiência de ambos os sexos e suas teorias se tornarão, portanto, mais férteis. (GILLIGAN, 1982, p. 33).

Estando nós na área acadêmica, travando na atualidade diálogos mais intensos entre os diferentes olhares acerca das mulheres, bem como as vicissitudes desse campo de estudo, trazemos para nossa discussão autoras feministas de diversas áreas da ciência que, além de se reconhecerem como gênero feminino,

trazem em sua trajetória toda uma experiência acerca do cuidado como prática que nos deslocam para o que Stengers chama de “ciência no feminino” (1989), um modo de fazer ciência que escapa dos moldes tradicionais e predominantes de fazer pesquisa, que se abre na disponibilidade de se deixar afetar pelos encontros, deixando o campo de pesquisa falar ao acompanhar que histórias ele tem a nos contar. Portanto, partimos da escuta e legitimação dos murmúrios dessas jovens que vão configurando a voz diferente apontada por Gilligan (1982), tornando-se mais intensificadas e fortalecidas. Escutando as vozes dessas jovens mulheres, passamos do clamor à multiplicação, sempre através do encontro, do contato que nos possibilitou recolher as expressões de sofrimento e potência, trazida aqui como movimento de cuidado.

Vozes que clamam

E o silêncio escapou, ferindo a ordenança

E hoje o anverso da mudez é a nudez

Do nosso gritante verso

Que quer ser livre.

(Conceição Evaristo)

Se destacarmos a questão mais especificamente feminina, é importante ressaltar que as mulheres não experimentam historicamente o livre exercício de *ser* no sentido existencial. Em sua obra clássica, Simone de Beauvoir (1980) destaca que o mundo é apresentado às mulheres de forma limitada, restringindo suas possibilidades de *ser-estar* nele, o que lhes impõe o lugar de *outro*. A escritora

e pensadora negra Grada Kilomba (2012) nos traz ainda outra importante problematização ao afirmar que a mulher negra é “o outro do outro”, pois “as mulheres foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde ‘raça’ não tem lugar”. (p. 56). Tal herança histórica reverbera em nossos dias sob a forma de sofrimento explícito entre jovens mulheres que trazem suas marcas de invalidação e desqualificação.

Questões relativas ao próprio corpo, busca por ideal de beleza para aceitação social, relacionamentos que alternam submissão e violência, busca de afirmação profissional, sobrecarga da maternidade, são expressões comuns de sofrimento. Como reconhecer tais questões sem banalizá-las ou categorizá-las, simplesmente? Como essas jovens vivenciam e compreendem tais experiências? Se o único destino dessas inquietações for a patologia e o conseqüente tratamento medicamentoso, enquanto profissionais da saúde, não estaríamos falhando ao cotejar essa questão? Essa é uma temática delicada e ainda muito presente em nossa realidade. Discutindo a saúde mental das mulheres, Anna Gomes e Alynne Nagashima (2018), nos alertam:

No Brasil, qualquer médico pode prescrever psicofármacos e as mulheres têm acesso livremente a produtos cosméticos de toda ordem. Não é incomum encontrar mulheres fazendo uso de ansiolíticos e/ou antidepressivos prescritos por outras especialidades médicas para tratar dores crônicas, insônia, hipertensão, problemas osteoarticulares e até por conta da idade. Freitas e Amarante (2015, p. 10) relatam que o uso desse tipo de drogas está muito associado às mulheres, pois, de acordo com a música ‘*Mothers little helper!*’ (em português, ‘O ajudante da mamãe’), dos Rolling Stones, tais pílulas ajudariam as mães a lidar com seu dia a dia cansativo, a responder às demandas do marido e a minimizar a situação. (GOMES; NAGASHIMA, 2018, p. 95).

Ainda nessa temática, Zanello (2018) nos chama a atenção para o fato de que a maioria das propagandas desse tipo de medicamento, trazem como

apelo de imagem mulheres cabisbaixas, em sofrimento. Essa naturalização da medicação tendo as mulheres como alvo principal parte, também, de um processo histórico, moderno, especialmente fundado no individualismo pós-industrial que despotencializa a palavra, os desejos e as necessidades das mulheres, então, impedidas de se expressarem livremente, visto que a patologização parece ser a única via para o sofrimento. E esse é um dos grandes perigos de transformarmos tal experiência na única história (ADICHIE, 2012), a única possibilidade de compreensão de um fenômeno. Acreditamos que ouvir as mulheres em suas próprias versões pode nos trazer leituras não hegemônicas de uma questão tão comum quanto singular.

Nos propomos a acompanhar relatos de jovens mulheres para que elas possam identificar e significar as próprias questões, deslocando o movimento do diagnóstico para a descrição viva do fenômeno, preconizada por autores da TAR. Além disso, pelo crescimento desse contingente de jovens, pesquisas que abordem tal tema tornam-se essenciais para ampliar nossa compreensão acerca desse segmento populacional, a fim de orientar ações e construir um conhecimento concomitante à manifestação do fenômeno.

Como parte de nossa pesquisa intervenção, nos detivemos aos grupos terapêuticos compostos por jovens (média de sete participantes por grupo) que aconteceram regularmente (no formato de grupo fechado, uma vez por semana) no SPA da UERJ, desde 2017. Os grupos mantinham-se por cerca de um ano na mesma composição e eram renovados, ainda que algumas jovens atendidas optassem por continuar no ano seguinte.

Entretanto, a pandemia de COVID-19 lançou novos desafios para nossa pesquisa que acontecia de modo presencial. Após algumas adaptações, mantivemos o grupo de mulheres na modalidade remota, atendemos cerca de 35

mulheres e extraímos experiências fundamentais. Através das narrativas que emergiram no espaço terapêutico *online*, acompanhamos os desdobramentos da pandemia no cotidiano dessas jovens mulheres e como o grupo pôde ser um lugar de troca e construção de redes, uma forma de cuidado e fortalecimento durante o atual cenário. Em alguns momentos, as jovens compartilharam que estar entre mulheres foi importante, pois se sentiram acolhidas, podendo trazer questões compreendidas e reconhecidas por outras mulheres, além de serem também acompanhadas por terapeutas mulheres. Mais especificamente, estar em grupo trouxe um apoio fundamental a todas! Percebemos a força curativa que a experiência coletiva cotidiana nos traz. Seguindo as pistas de Silvia Federici (2017), resgatamos a importância dessa convivência em grupo para a sobrevivência das mulheres ao longo dos tempos. A autora nos diz:

Se também levarmos em consideração que, na sociedade medieval, as relações coletivas prevaleciam sobre os familiares, e que a maioria das tarefas realizadas pelas servas (lavar, fiar, fazer a colheita e cuidar dos animais nos campos comunais) era realizada em cooperação com outras mulheres, nos damos conta de que a divisão sexual do trabalho, longe de ser uma fonte de isolamento, constituía uma fonte de proteção e poder para as mulheres. Era a base de uma intensa sociabilidade e solidariedade feminina que permitia às mulheres enfrentar os homens, embora a Igreja pregasse pela submissão e a Lei Canônica santificasse o direito do marido a bater na sua esposa. (FEDERICI, 2017, p. 53).

Por essa herança que compõe a subjetividade das mulheres, o cuidado é uma experiência muito disseminada entre elas. Apostamos tanto no resgate dessa herança quanto nas mulheres como multiplicadora de práticas de cuidado. Daí a relevância de direcionarmos nosso estudo para este campo e incluir as mulheres como partícipes desse processo, seguindo o rastro do *pesquisarCOM* (MORAES, 2010) e de um *fazer ciência no feminino* (QUADROS; MORAES, 2016).

Destacamos também que, ao atuarmos com a abordagem gestáltica, ressaltamos o caráter dialógico dessa abordagem, na qual as noções de presença, inclusão, acolhimento e confirmação da existência (HYCNER, 1995) compõe o

manejo clínico, nos proporcionando a compreensão do processo terapêutico a partir da ideia do encontro na qual nos afetamos mutuamente. Não é objeto desse artigo adentrar na discussão da referida abordagem, mas achamos pertinente apontá-la como fundo da nossa proposta de intervenção.

Assim, desdobraremos a seguir alguns efeitos que o encontro dessas vozes produziu no compartilhamento de vivências, constituindo-se como fonte de cuidado. Como política de resguardo de nomes, chamaremos nossas participantes pelo nome de cantoras brasileiras antigas, compondo a metáfora de vozes, vozes essas que ecoam em muitas canções que falam de sofrimento e de potência. As cantoras escolhidas foram: Ângela Maria, Araci de Almeida, Dalva de Oliveira, Elizeth Cardoso, Elza Soares, Isaurinha Garcia, Linda Batista e Maysa.

Vozes que se encontram

Toda vez que uma mulher se defende

Sem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão

Ela defende todas as mulheres.

(Maya Angelou)

O fato de sermos um grupo de mulheres, chamou a atenção de uma das participantes - Elizeth, 24 anos - que nos diz achar interessante o quanto nós mulheres damos maior atenção e cuidado a nossa saúde mental. Ela nos relata os momentos em que foi desqualificada, chamada de "maluca" ao expressar suas questões e diagnósticos, classificando esse ato de machismo. Elizeth nos conta, ainda, que encontrou um espaço de troca e acolhimento nas redes sociais, ao começar a dizer sobre o seu sofrimento e encontrar relatos de outras mulheres que vivenciam também as suas dores. Foi entre outras, estranhas, mas com vivências

familiares que Elizeth foi “ouvida”. Essa é uma experiência comum, principalmente no que tange ao receio de ser julgada, mal compreendida ou desqualificada. E é por isso que muitas preferem o silêncio:

O ato de silenciar a voz diferente está vinculado a uma estrutura conceitual opressora e patriarcal que predomina na sociedade e não dá lugar para a perspectiva feminina na ética por considerá-la inferior. [...] A hierarquização situa os homens no topo de uma cadeia de poder, a partir da qual eles subjagam tudo o mais que existe. Há uma lógica de dominação associada ao pensamento de valor hierárquico e dualista que, por meio de uma estrutura argumentativa, ‘justifica’ a subordinação das mulheres e produz estruturas opressoras. (KUHNNEN, 2014, p. 2).

Durante um dos encontros do grupo, lançamos o questionamento acerca do quanto elas reconhecem aquilo que as nutre, no sentido de perceber o que é bom para elas, o que serve como um suporte, distinguindo do que lhes é nocivo. Então, elas expressaram o quanto saber distinguir, poder ficar com o que é bom é tão importante para a sobrevivência. Achamos interessante quando Dalva compartilha enfaticamente: "Eu quero chegar num momento de parar de só sobreviver e começar a viver também" (Dalva, 30 anos). Contagiada por essa fala, ao destacar modos de "lidar com adversidades", Linda aponta: "Alguns limites que encontramos na vida, podem significar o ponto de partida para tentar encontrar outros caminhos" (Linda, 29 anos).

Não raro, há na experiência comum às mulheres tanto uma sobrecarga de tarefas quanto uma naturalização de um abandono de si. Predomina a ideia de que a mulher, inclusive por sua relação com a maternidade, não pode olhar para si, abstendo-se do cuidado consigo em prol do cuidado com o outro. Num de nossos encontros, Ângela Maria (25 anos) coloca que às vezes seu corpo pede por descanso. Voltamos essa questão para as outras participantes perguntando o que o corpo delas pede. Ângela assume novamente a palavra e afirma que não fala muitos “sins” para o seu corpo. O coro de vozes das participantes ressoou

em falas similares, ressaltando as dificuldades em priorizar suas necessidades e o surgimento da culpa por fazer algo para si, especialmente quando deveriam pensar primeiro no outro. Esse é um pensamento forte entre as mulheres, produzindo um sentimento de responsabilidade unilateral pelos relacionamentos afetivos, principalmente os familiares. Já em 1982, Carol Gilligan nos alertava quanto a um importante equívoco nessa lógica:

As mudanças estudadas no pensamento das mulheres sobre responsabilidade e relacionamentos sugerem que a capacidade para a responsabilidade e cuidado se desenrola através de uma sequência coerente de sentimentos e pensamentos. Na medida em que os acontecimentos das vidas e história das mulheres interferem em seus sentimentos e pensamentos, uma preocupação com a sobrevivência individual vem a ser rotulada como 'egoísta' e tende a ser contraposta à 'responsabilidade' de uma vida vivida em relacionamentos. E por sua vez, a responsabilidade se torna, na sua interpretação convencional, confundida com uma responsabilidade para com outros que impedem um reconhecimento do eu. As verdades do relacionamento, porém, retornam na redescoberta da conexão, na compreensão de que o eu e o outro são interdependentes e que a vida, embora valiosa em si, só pode ser mantida por cuidado nos relacionamentos. (GILLIGAN, 1982, p. 137).

O que Gilligan nos traz aponta para um rompimento da dicotomia moderna que separa indivíduo/sociedade, permitindo-nos traçar outros contornos que resgatam a força de um coletivo. A noção de interdependência ressalta o quanto a mutualidade e o compartilhamento de responsabilidades são necessários para o amadurecimento emocional e a desculpabilização. A culpa é um dos sentimentos mais presentes na experiência feminina, gerando sofrimento excessivo, bem como baixa autoestima e sensação de incompetência. Durante a pandemia, o acúmulo de tarefas, a pressão e exigência pelo cumprimento das rotinas, aumentou as angústias de nossas participantes em nossos encontros, agora acontecendo em ambiente virtual. Uma nova realidade se impôs a nós, mas os sentimentos de tensão e desamparo não eram tão novos.

Num dos encontros deste período pandêmico, iniciamos perguntando como elas estavam chegando naquele dia, e o que elas gostariam de compartilhar com o grupo. Diante disso, uma das participantes começou partilhando que tinha ficado duas semanas sem comparecer ao grupo, pois estava “se cuidando da COVID-19.” (Linda, 29 anos). Continuou seu relato dizendo que foi a segunda vez que ela se infectou e que este segundo momento foi mais difícil, pela doença em si, mas principalmente por perceber que não poderia contar com a ajuda das pessoas, particularmente do seu marido. Contou-nos que esta situação de lidar com a COVID-19 a fez dar-se conta de várias questões, percepções sobre o seu próprio casamento, e que gostaria muito de conversar e ouvir outras mulheres sobre isso, pois para ela, "Só de ser mulher já é ter que se virar sozinha" (Linda, 29 anos). Após este relato, uma outra participante compartilhou sua percepção de ser mulher em que "Se cuida de todo mundo e ninguém cuida da gente" (Isaurinha, 23 anos).

Foi interessante acompanhar como elas falam desse lugar de serem cuidadoras, como algo já dado, inclusive imposto e cobrado socialmente, dentro das relações, dentro das famílias. E ao contarem sobre os momentos que se percebem sendo cuidadas, elas trazem relatos de cuidados de outras mulheres com elas como, por exemplo, as suas mães. Essa constatação que emergiu em nossos encontros nos remete mais uma vez a Gilligan, ao reconhecer o cuidado como uma marca feminina, como uma moral e uma ética que desenvolve o cuidado entrelaçado nas relações. Em sua discussão acerca dessa temática, Kuhnen, (2014) destaca que:

Quando Gilligan afirma a existência de uma voz diferente, não objetiva sustentar nenhuma forma de essencialismo de gênero, no sentido de que toda mulher se caracteriza e se diferencia em sua essência do homem por ter uma voz moral diferente. Gilligan apenas investiga como na sociedade patriarcal vozes diferentes são formadas, valoradas, hierarquizadas e naturalizadas... Gilligan entende que a perspectiva da

moralidade masculina – que indica a necessidade de respeitar os direitos dos outros – e a da moralidade feminina – que ordena cuidar de forma responsável dos outros –, devem ser vistas como complementares. (KUHNNEN, 2014, p. 3-4).

Portanto, mais do que um mero conservadorismo, Gilligan nos alerta para uma realidade que atravessa o contexto feminino e, ao dar ênfase à voz diferente, ela nos desloca para outras possibilidades de pensar as relações de gênero. Mol (2008), uma mulher médica e filósofa holandesa, funda sua perspectiva de atuação no campo da saúde a partir da ideia do cuidado como prática e, em nossas sessões, destacamos o cuidado se deslocando de um lugar conceitual e indo ao encontro de uma prática viva, que acontece no desdobramento do próprio encontro. Nesse sentido proposto por Mol (2008), o cuidado não é individual, mas circula numa ação coletiva e se constitui numa rede de ações performadas, uma rede processual e viva. Assim, o cuidado está presente nas falas de interesse pela outra, nas escutas atentas, no corpo disponível a sustentar e acolher o que está sendo compartilhado no encontro. É um cuidado que se desdobra de forma sensível e que constrói uma autonomia possível de ser levada para além daquele espaço. E não por acaso esse cuidado é performado num grupo de mulheres.

Em um dos encontros *online*, uma das participantes relatou que não estava em uma boa semana, pois havia se sentido mal, com fortes dores no corpo, e naquele momento estava internava, realizando exames e investigando o que poderia estar acontecendo. Naquele momento, pudemos acompanhar o cuidado sendo construído de forma viva e ativa no grupo, pois todas as participantes puderam acolher e oferecer palavras de conforto e suporte enquanto a internação acontecia com a participante. Em sessões anteriores, esta mesma cliente relatou sobre o quanto ela vem se percebendo cuidando de seus familiares, muitas vezes desconsiderando o cuidado consigo mesma, e o quanto é difícil se deslocar deste lugar, pois, como ela relata, já é algo dado, natural. Neste dia, pudemos trabalhar

juntas como estava sendo vivenciar um espaço em que o corpo dela impõe ser cuidado, ao que ela responde "Esse é o meu problema, eu tenho muita dificuldade de reconhecer o meu limite, eu só reconheço o meu limite quando algo assim acontece" (Elza, 31 anos). Diante disso, conversamos sobre como se aproximar mais do cuidado do seu corpo, do cuidado de si e qual o lugar que tal perspectiva tem na vida delas.

Durante outro encontro, conversamos e construímos juntas novas percepções acerca dessas introjeções, desses lugares de verdades que entendemos que devemos ocupar como mulheres, e do quanto torna-se importante cada vez mais eles serem questionados. Ao final, perguntamos quais os lugares que elas entendem que gostariam de desocupar ou continuar ocupando em suas vidas, diante do que conversamos sobre serem cuidadoras. Assim, elas compartilharam lugares como: "desocupar o lugar de maternar e cuidar de todo mundo e de ninguém cuidar de mim" (Isaurinha, 23 anos); "ocupar o lugar de independência financeira, para ter mais autonomia no que eu quiser fazer" (duas mulheres falaram sobre o lugar de independência financeira – Linda, 29 anos e Maysa, 23 anos); "ocupar o lugar de me preocupar comigo" (Araci, 23 anos).

Esse encontro deixa algumas pistas acerca tanto do sentimento de desamparo, como também do quanto o cuidado precisa ser constituído num movimento de reflexividade, além da importância de ainda precisarmos falar da não exclusividade desse cuidado ao gênero feminino. Vivenciamos no grupo temáticas que colocam em cena muitas questões que, enquanto mulheres, também perpassam nosso cotidiano e, mesmo nos silêncios, há algo que nos convoca.

O silêncio fez parte de muitos momentos de nossos encontros. Um silêncio que se mostrava por falas curtas e por câmeras fechadas. Acompanhamos

o movimento do grupo e o que ele nos diz, entendendo que é um grupo que coloca questões delicadas, não possui uma forma tão marcada, passando desde angústias vividas por estudantes universitárias até temores de jovens profissionais de diferentes áreas. Mas é preciso sentir e ouvir o que ele está nos dizendo a cada encontro. Numa dessas sessões mais silenciosas, convocamos a escritora Clarice Lispector ao nos dizer que: "O que sinto não é traduzível. Eu me expresso melhor pelo silêncio." (LISPECTOR, 2012, p. 30). Essa frase fez muito sentido para nós e para elas. Foram momentos muito difíceis que se deram no auge da pandemia onde o medo, a dor e a perda acirraram angústias. Há acolhimento nesse silêncio e através dele também nos conectamos. O silêncio se constituiu numa das possibilidades de dar voz aos anseios e afetos que contornaram nossos encontros.

Em outro momento importante, uma temática cara às mulheres nos contagiou. Iniciamos o grupo perguntando como elas estavam e o que gostariam de compartilhar. Elza (31 anos) disse que gostaria de perguntar ao grupo, sobre como ficavam na TPM (Tensão Pré-Menstrual), pois para ela esse período era extremamente severo e a deixava desestabilizada. Dessa forma, foi muito interessante o movimento do grupo, pois a pergunta transcendeu e a partir disso pudemos explorar lugares de silenciamento. Muito embora nenhuma delas tenha relatado uma experiência de desconforto severo no período pré-menstrual, todas acolheram o depoimento de Elza e o legitimaram, incluindo uma adesão a sua queixa de que muitos médicos não entendiam a situação, diminuindo todas as emoções intensas decorrente desse ciclo. Logo, questionamos em quais momentos elas não se sentiam ouvidas. Sentimos que a partir deste encontro pudemos compreender melhor a importância do grupo, como ele é um lugar de não apenas falar, mas ouvir e ouvir também a própria voz ressoando pelo grupo, ganhando força e reconhecimento. Assim, cada uma pôde falar sobre momentos que se sentiram diminuídas e inferiorizadas.

Dessa maneira, cada mulher trouxe suas vivências de uma forma muito singular, seja sobre questões matriciais, sobre a vida profissional ou de não ser ouvida quando fala das dores e, a partir disso, todas foram de alguma forma se reconhecendo nas falas uma das outras e podendo se expressar mais. No entanto, em dado momento, sentimos que a vitalidade foi diminuindo, dando lugar a dúvida: Aceitar ou bater de frente? Sentir dor ou ignorar? Parar ou seguir? Respeitar o corpo ou sacrificá-lo? Como marcar a diferença sem precisar compreendê-la como doença? Para elas, essa afirmação de um lugar de respeito e reconhecimento (inclusive dos limites, não como fraqueza) é muito trabalhosa e cansativa. Elas se questionaram como poderiam voltar e conseguir se autorizar diante de uma determinada situação, pontuando também que vivemos em uma sociedade ainda muito machista e que, de forma implícita ou explícita, se debruça sobre o corpo feminino pautada no controle e na dominação. E mais um silêncio se interpôs sobre nós.

Contudo, o interessante do grupo é justamente as vozes que ganham forças. No meio do silêncio uma das participantes, Linda (29, anos), disse que os lugares de fortalecimento que encontra são através de outras mulheres que conseguiram fazer algo por si e, nessa inspiração, ela procura fazer um movimento todas as vezes que ela precisa validar a si mesma, repetindo que “apesar de... eu consigo”, ou seja, apesar de ser desqualificada na sua profissão, ela se formou por ela. Achamos isso muito ativo e forte e propusemos que todas do grupo completassem essa frase “apesar de”. No início elas responderam com muitas projeções futuras, com planejamentos de coisas que ainda iam fazer. Convidamo-las, então, a refletir acerca do que já foi feito “apesar de”, buscando, com isso, ampliar a conscientização e a apropriação do enfrentamento de dificuldades e, principalmente, os passos já dados diante dos obstáculos encontrados.

Elas se empolgaram e de certa forma perceberam que em muitos momentos essa autorização parte de dentro e que apesar de serem mulheres, a luta continua da forma que é confortável para cada uma, e isso refere-se aos grandes e aos pequenos acontecimentos, detalhes da vida cotidiana. Surgiram frases potentes e que provocam deslocamentos como: “Apesar de me julgarem como eu devo me comportar por causa da minha profissão, eu não preciso estar ligada à minha profissão o tempo inteiro” (Isaurinha, 23 anos); “Apesar de tudo que vivesses últimos tempos, em que eu denunciei o meu pai por ter agredido a minha mãe, e ele está preso por isso, eu consegui me formar.” (Linda, 29 anos); “Apesar de estar de TPM, consegui arrumar a casa hoje” (Elza, 31 anos); “Apesar de trocar de profissão, hoje me sinto realizada” (Dalva, 30 anos).

Essas vozes diferentes formaram um coro harmonioso que entoava cantos fortes e que refletem a realidade dessas jovens, ainda com muita estrada a seguir, numa sociedade patriarcal e envolta em amarras que incidem sobre seus corpos. Há 40 anos, a pioneira Carol Gilligan nos trouxe uma importante conclusão em suas pesquisas:

Em vista da evidência de que as mulheres percebem e formulam a realidade social diferentemente dos homens e que essas diferenças centram-se em torno de experiências de ligação e separação, as transições da vida que invariavelmente envolvem essas experiências deverão envolver as mulheres de modo distintivo. E devido ao senso de integridade das mulheres parecer interligado com uma ética do cuidado, de modo que se verem como mulheres, é se verem num relacionamento de conexão, as principais transições nas vidas das mulheres pareciam envolver mudanças no entendimento e atividades de cuidado. Certamente, a passagem da infância à idade adulta assiste a uma redefinição vultosa de cuidado. Quando a distinção entre ajudar e agradar isenta a atividade de tomar cuidado do desejo de aprovação por outros, a ética da responsabilidade pode tornar-se uma âncora escolhida por vontade própria da integridade pessoal e da força. (GILLIGAN, 1982, p. 183).

Nesse sentido, a experiência aqui exposta nos aponta essa ancoragem que desdobra o cuidado e a responsabilidade em uma ética de suporte e de afirmação da vida. O grupo constitui-se como um campo de partilha do sofrimento, bem como de sustentação de potências e de descobertas de outras possibilidades, que reverberam na validação de um fazer e um viver no feminino.

Vozes que se multiplicam

Carol Gilligan (1982) nos diz que considerar a voz diferente, considerar a ampliação do olhar sobre o desenvolvimento humano nos traz uma perspectiva mais criativa acerca da vida humana. As vozes diferentes que incluímos aqui, fazem proliferar versões acerca da experiência feminina, ao mesmo tempo em que entrelaçam fios comuns. Nos entrelaçamos também por estes fios, ao sermos mulheres acompanhando outras mulheres. Desse modo, o grupo, como lugar de compartilhamento, reconhecimento e identificação, também reverberou em nós, como psicoterapeutas. Levamos conosco estas vozes que ressoam em nossas atuações, ao afirmamos o lugar político do nosso fazer, abrindo novos espaços de reflexão acerca das experiências vivenciadas entre estas jovens na atualidade. Vozes que conectam outras mulheres, outros corpos, outras histórias, outras formas de ser e estar no mundo.

Uma das proposições de Carol Gilligan é, como apontado no início dessa escrita, uma aposta de que uma maior convivência do que ela chamou de “teóricos da vida” (1982, p. 33) com mulheres, promoveria uma experiência mais abrangente, traria mais riqueza às formulações teóricas no nosso campo de estudos. Ao atuarmos com essas mulheres que nos permitiram compor as narrativas que permearam esse texto, atualizamos o olhar de Gilligan, ainda que saibamos que muitos outros olhares vêm problematizando as questões de gênero, o que também nos atravessa e interessa. Concordamos com Tania Kuhnen (2014) que, ao discutir as ideias de Gilligan, nos diz:

Nesse sentido, Gilligan sugere que ouvir a voz diferente da moralidade é um caminho para a própria transformação da estrutura patriarcal da sociedade. A busca pela simetria nas relações de poder entre homens e mulheres, o que permite derrocar a dominação, o machismo e a subjugação de um sexo pelo outro, implica o reconhecimento de uma complementaridade entre as diferentes perspectivas morais. Ao se fazer apenas uma delas permanecer, a masculina ou a feminina numa teoria moral, leva-se adiante a estrutura conceitual da lógica da dominação, com seus pressupostos da hierarquização e do dualismo. Em outros termos, se o feminismo se propõe a combater o dualismo hierárquico que se constitui na fonte da assimetria de poder entre homens e mulheres, ao defender uma ética do cuidado em detrimento de uma ética de princípios, termina por prorrogar esse mesmo dualismo e ainda incorre no risco de reproduzir o estereótipo de que mulheres são simplesmente guiadas por emoções e sentimentos. (KUHNEN, 2014, p. 4).

Como apontado muitas vezes pelas participantes do grupo, a invalidação vivida pela experiência da emocionalidade nos reduz, nos segrega e, sobretudo, promove sofrimentos extremos. Há perigo quando a única saída é o adoecimento. Ao ressaltarmos a importância do cuidado como recurso, como ética nas relações, sem dicotomias ou julgamentos, reconhecemos a voz diferente e nos propomos a escutá-la. Em obra posterior, a própria Gilligan (2011) conclui que, levando em consideração a estrutura patriarcal, o cuidado é uma ética feminina. Neste sentido, a ética de cuidado feminista é uma voz diferente, visto que ela reúne relacionamentos com self, corpo com mente, emoção com razão, mulheres com homens, resistindo às divisões que sustentam uma cultura patriarcal. Seguimos, portanto, nessa direção, validando vozes diferentes, integrando-as às nossas pesquisas e práticas, nos propondo a reconhecer a diferença que elas podem fazer na construção de um conhecimento situado e marcado também pela diversidade de histórias.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (19 min).

Publicado pelo canal de YouTube TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=800s>. Acesso em: 17 jul. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo e experiência vivida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

DESPRET, Vinciane. **Our Emotional Makeup: ethnopsychology and selfhood**. New York: Other Press, 2004.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GILLIGAN, Carol. **Joining the Resistance**. Cambridge: Polity Press, 2011.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GOMES, Anna Luiza Castro; NAGASHIMA, Alynne Mendonça Saraiva. O Feminino Aprisionado, Patologizado e Medicalizado: Impactos na Saúde Mental das Mulheres. In: AMARANTE, Paulo; PITTA, Ana Maria Fernandes; OLIVEIRA, Walter Ferreira de (orgs.). **Patologização e Medicalização da vida: epistemologia e política**. São Paulo: Zagodoni, 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 07-41, 1995.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham, London: Duke University Press, 2016.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

KUHNEN, Tânia Aparecida. **A ética do cuidado como teoria feminista**. In: Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2014, Universidade Estadual de Londrina. **Anais [...]** Universidade Estadual de Londrina, 2014. Disponível em:

http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_Tania%20Aparecida%20Kuhnen.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**. Uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida (pulsações)**. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.

MOL, Annemarie. **The logic of care: Health and the problem of patient choice**. London: Routledge, 2008.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. *In*: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia (orgs.). **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. p. 26-51.

PERLS, Fritz. **A abordagem gestáltica e a testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Marcia. O. Polifonia de uma experiência no ESOCITE. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 11, n. 1, p. 4-7, 2016.

STENGERS, Isabelle. A Ciência no Feminino. **Revista 34 Letras**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 5, p. 427-431, 1989.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido: 30/09/2021

Aprovado: 08/06/2022